



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA NA CELEBRAÇÃO DA PAIXÃO E MORTE DE JESUS

Sé de Angra | Sexta Feira Santa, 29 de março de 2024

Se ontem acompanhámos Jesus em casa, em família, hoje acompanhamo-Lo com a cruz em viagem pela cidade de Jerusalém. São muitas as cenas deste filme dramático que nos entram pelos olhos dentro: um homem jovem carregando uma cruz, a dor estampada no seu rosto, as lágrimas que já se transformaram em sangue, a mãe muda de dor e abraçada pelas santas mulheres, o eclipse dos apóstolos e amigos, os gritos de uma multidão manipulada que pede a sua morte, se regozija com as chicotadas, os espinhos e os pregos.

A cruz foi motivo de espetáculo para o povo das ruas como o é ainda hoje em tantas vítimas inocentes das cidades dos homens, provocadas por quem busca lucros desmedidos, poder sem regras, por quem massacra inocentes, explora trabalhadores, jovens, mulheres e crianças. Mas a cruz é ainda hoje sinal de um outro e mais poderoso espetáculo. Lucas no seu evangelho falará da cruz como um “espetáculo” que converte, referindo a propósito que “as multidões, vendo o espetáculo das coisas acontecidas, regressaram batendo no peito” (Lc 23, 48). Bater no peito significa o reconhecimento das próprias culpas, na morte violenta daquele inocente. Continuamos ainda hoje a reconhecer o nosso contributo para o peso daquela cruz.

Naquele caminho doloroso através da cidade de Jerusalém, Jesus vai encontrando pessoas, contemplando rostos, distribuindo misericórdia, mudando em alguns os sentimentos de raiva e morte. Já na cruz, introduziu no paraíso um ladrão, condenado como ele. O Seu sofrimento até ao abandono na cruz é a chave para a falta de unidade entre Criador e criação, de diálogo difícil entre os homens e destes com Deus, pois ele apaga o pecado, anula a distância, introduz na plena comunhão.

Jesus não deixa ninguém fora do amor deste Pai que bem conhece, para quem não há bons nem maus, há filhos amados. Provocam-me dois momentos da Paixão de Jesus, dois olhares a dois discípulos que têm um nome muito significativo: Judas que significa “predileto” e Pedro, “Cefas” que significa “Rocha”! Judas traiu-o com um beijo e entregou-o, Pedro traiu-o por palavras, negando conhecê-lo.

Numa homilia citada pelo Papa, Dom Mazzolari dedica-a precisamente a Judas “nosso irmão”. “Pobre Judas, diz ele! Não vos envergonheis de assumir esta fraternidade. Eu não me envergonho, pois sei quantas vezes traí o Senhor, e creio que nenhum de vós deve envergonhar-se dele. E, ao chamar-lhe irmão, estamos a usar a linguagem do Senhor. Quando recebeu o beijo da traição no Getsémani, o Senhor respondeu-lhe com aquelas palavras que não devemos esquecer: Amigo”. Acreditemos sempre na amizade de Cristo. Cristo nunca trai os seus amigos, mesmo quando não o merecemos, mesmo quando nos voltamos contra ele, mesmo quando o negamos. Perante os seus olhos e o seu coração, somos sempre seus amigos.

De Pedro, sabemos que, quando o galo cantou, Jesus fixou nele o seu olhar... Podemos perceber as lágrimas envergonhadas de Pedro. Qual a diferença entre Judas e Pedro? Pedro não se valeu de ser bom, melhor que os outros, mais merecedor; apenas acreditava cegamente que Jesus o amava incondicionalmente. É isto que faz o cristão: confiar neste amor incondicional que dá esperança.

A confiança que leva Jesus a entregar-se ao Pai - “nas tuas mãos entrego o meu espírito” - é a mesma que nos deve fazer amar cada cruz e seguir em frente, recomeçar. A cruz não é morte, mas caminho de uma vida nova.

Recomeçamos todos e sempre, confiantes que Ele não desiste de nos amar!

Vamos todos pela cidade e multipliquemos estes olhares confiantes que levam esperança aos irmãos.

+ Armando, Bispo de Angra